

PSICOLOGIA DO ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA: NOVO PONTO DE VISTA

Afonso Antonio Machado.

RESUMO

Uma análise de onde está a psicologia do esporte e onde tem sido aplicada, é tratado mais amplamente cobertas neste artigo quando poderemos ver a natureza desta psicologia esportiva. A natureza da psicologia do esporte no futuro será determinada pela pesquisa, escritos e aplicações práticas daqueles que agora trabalham na área, pois eles estarão estabelecendo o campo de conhecimento, a sua aplicação prática e orientação filosófica. Esta direção é certamente um grande desenvolvimento da psicologia do esporte que é excitante e atraente para todos. Qual é, então, o futuro para a psicologia do esporte? O que os psicólogos do esporte estarão fazendo daqui a 10 ou 20 anos a partir de agora? Este é o problema.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; esporte; universidade.

SPORT PSYCHOLOGY AND PHYSICAL EDUCATION: NEW POINT OF VIEW

ABSTRACT

An analysis of where sport psychology is, and where it has been, is covered more extensively in this article when we could see the nature of sport psychology. The nature of sport psychology in the future will be determined by the research, writing and applied practices of those now engaged in sport psychology; they will be establishing the field of knowledge, its applied practices and philosophical orientation. This direction is surely the one major development in sport psychology that is exciting and attractive to everyone. What, then, is the future for sport psychology? What will sport psychologists be doing 10 or 20 years from now? It is the problem.

Keywords: Sport psychology; sport; university.

INTRODUÇÃO

Até a década de 70 a Psicologia do Esporte foi muito pouco estudada; estudos de Lawther datados de 1951 são exemplos americanos de produções que posteriormente receberiam considerações e reconhecimentos internacionais. Com o início da circulação de boletins, jornais, revistas e livros específicos, além da fundação de sociedades de pesquisadores da Psicologia do Esporte, percebemos uma consolidação desta especialidade em vários países e sua erradicação em vários cantos do mundo esportivo, ainda que lentamente.

O fato da Psicologia do Esporte ter uma evolução mais lenta que outras especialidades psicológicas ou das ciências do esporte, provavelmente se deva a questão de ter se iniciado em laboratórios de Fisiologia ou de Educação Física, mantendo certo distanciamento dos avanços da própria Psicologia, ou da própria Fisiologia (BAYONA, 2007). Outra interpretação pode ser o fato de não ter explorado adequadamente os caminhos da interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade que deve tratar de elementos da Psicologia e da Ciência do Esporte, com igual compromisso.

Mais do que isso, a briga territorial para saber de quem é essa fatia de trabalho, na sociedade mercantilista-profissional, tem criado fendas abissais que apenas emperram o avanço da área que nasceu interdisciplinar e tentam transformá-la em intradisciplinar, focando apenas um interesse classista. Este descuido no campo de atuação tem ampliado a desconexão entre a

necessidade do esporte e do movimento humano e a orientação a ser oferecida pelo preparador psicológico, gerando muito atrito profissional, pouca ética e desvalorizando o ambiente de trabalho, ainda nem tão bem estruturado.

Talvez, em função deste quadro, próprio das novas áreas profissionais emergentes, são poucos os profissionais que atuam neste campo, mesmo sabendo das variabilidades existentes no mundo esportivo, que contempla as iniciações esportivas em clubes e escolas, as aulas de danças e ginásticas em academias, os movimentos de recreação e lazer (em grande crescimento junto às atividades físicas de aventura na natureza). Nossas pesquisas têm sugerido que tal ocorrência se dá em função dos limites impostos pelos cursos de graduação, nas áreas afins (MACHADO, 2003).

Como tudo na área é novo, no Brasil o campo de atuação é bastante limitado, tendo em vista a pouca informação que se tem sobre a própria Psicologia do Esporte. Apesar de aumentar cada vez mais o grau de exigência humana em embates esportivos e na busca de recordes e limites esportivos, nem por isso o trabalho interdisciplinar das equipes que cuidam destas conquistas contam com um psicólogo do esporte.

Trabalhar com realizações, decepções, minimizar efeitos negativos das torcidas, ressaltar aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar as cobranças dos pais, fãs e familiares dos atletas são atribuições que, aos poucos vêm sendo assumidas pelo psicólogo do esporte, de uma forma assumida pela Psicologia diante de um público específico em uma situação específica: o atleta ou o espectador e o momento esportivo.

O professor de Educação Física

Transformar a Educação Física em um dos instrumentos de mudança e bem-estar social exige, além de outras coisas, a reorganização desta disciplina e a redefinição de seus conteúdos e metodologias. Numa sociedade urbana como a nossa, a almejada democratização social passa necessariamente pela instrumentalização, que cabe à escola fornecer, e a própria comunidade subsidiar.

Tal instrumentalização, viabilizada pela assimilação de movimentos novos e de conhecimentos básicos, é algo que deve permitir aos cidadãos conhecer seus direitos e deveres, ter bem presentes e bem claros seus interesses, de modo a serem capazes de organizar-se para mantê-los e defendê-los, objetivando acima de tudo ter acesso às decisões que os afetam individual e coletivamente.

Os fatos demonstram, não obstante, que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico (GARCÍA FERRANDO, 2008).

O professor, profissional do ensino, tem um papel relevante – como mediador – na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Necessita, igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-lo ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

Em sua passagem pela escola, na condição de aluno, a maior parte dos professores de Educação Física incorporou à sua vivência certa apatia intelectual, uma imagem do professor autoritário, ou ainda, indiferente e omissa, além da noção de que a avaliação do aluno se dá pela devolução, pura e simples, de conteúdos memorizados ou de perfeita execução técnica. Essa imagem não corresponde, em parte, com a formação, que atende para novos ideais e novas posturas, levando a uma reflexão mais acentuada e crítica diante dos acontecimentos do mundo esportivizado. Longe foram os tempos em que estudantes de Educação Física eram apenas os atletas ou ex-atletas, que aprendiam a conduzir atividades práticas desconectadas da realidade social. Currículos atuais (aqueles que se reformularam a partir de meados de 80) favorecem novas

leituras e novas posturas na prática profissional destes docentes, mais engajados e mais criteriosos na escolha de seus conteúdos e procedimentos.

Voltando como docente, notamos que o trabalho ainda não está organizado de forma a desenvolver, nos alunos, condições para serem futuros professores: organização para estudo, independência, criatividade, espírito crítico, consciência política de seu papel como cidadãos na construção da história (NAHAS, s.d.). Ainda, não lhes tem transmitindo conhecimentos mais aprofundados e adequados que possam servir-lhes de referenciais para ensinar. Notemos: um não deu e ou não procurou ...

Da posse de uma formação distorcida, fragmentada, superficial e com uma visão idealizada do aluno, o professor de Educação Física enfrenta precariamente o desafio de obter sucesso no trabalho docente com uma maioria de crianças que não corresponde à “ideia do aluno”, que por tanto tempo lhe foi inculcada. Dentro desse quadro, ele precisa lutar diariamente contra aquilo que percebe como “incapacidade” de alunos “mal dotados” que a escola recebe. Frequentemente ele não tem consciência nítida de seu despreparo para exercer uma atuação em relação a esses alunos que são diferentes do que idealizam. E assim, segundo SEURIN (1983) tende a reproduzir as deficiências de sua própria formação.

Em um nível de exercício da profissão, devemos reconhecer que nossas escolas de ensino fundamental e médio não têm, ainda, oferecido totais condições adequadas para o aperfeiçoamento do profissional do ensino, capazes de levá-lo à reconstrução crítica de sua prática docente (GARCÍA FERRANDO, 2008).

A organização escolar e educacional vem de períodos tumultuados e de inovações tecnológicas que não atingem o dorso central do problema, que é a definição de sua conduta (LIMA, 1988). Com isso formam-se muitos para pouco; a sociedade não consegue absorver tantos elementos diplomados com tão pouco conhecimento, e isto reflete, de imediato, em nossas escolas de primeiro e segundo graus.

Então, em consequência do processo escolar que é oferecido, as crianças saem precocemente da escola etiquetadas, estigmatizadas como incapazes, carentes e, por isso mesmo, destinadas a uma situação inferior, em termos sociais. E infelizmente, a Educação Física competitiva tem muita colaboração nisto, de acordo com a forma como foi trabalhada.

Uma vez admitida que a prioritária do professor hoje, no sistema escolar, é ensinar a estas camadas os conteúdos e habilidades escolares que levam ao domínio da cultura que tem valor socialmente, cabe em seguida um grande esforço em nível pedagógico de (re)habilitar-se profissionalmente de forma a cumprir competentemente o seu papel técnico- político.

E, duas preocupações parecem-nos fundamentais neste sentido, em nossa área de atuação: 1- o domínio seguro dos conteúdos e técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir a seus alunos e, 2- com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico- pedagógico da prática do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder.

Somente assim, acreditamos, será possível perceber e ressaltar que existe diferenças entre o jogo e a competição. O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, pode ser deseducativo, como também na sua formação atlética; pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

Relação escola-contexto social

A personalidade de nossos alunos será estimulada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam. Computamos como

muito importante o fato de nossos alunos, quando envolvidos com o processo competitivo esportivo escolar, refletirem sobre as dificuldades, assumirem posições, executarem tarefas e controlarem ações relativas ao ato competitivo.

Entendemos que a formação esportiva, dentro da escola, seja aquela que prime pela formação global, trilhando com equilíbrio as etapas de iniciação, orientação e especialização, numa perspectiva de participação crítica, em qualquer das manifestações da prática dos esportes escolares.

Não discutimos contrário a competição esportiva escolar, em absoluto. Apenas questionamos os aspectos apresentados, em nossas aulas, de primeiro à segundo grau, quando o tema central é a competição. A cópia fiel do padrão esportivo adulto será a meta que buscamos atingir com nossos alunos?

Para um professor responsável pela orientação e direção de seus alunos e equipes escolares, o domínio dos conhecimentos sobre modalidade e metodologias, sobre comunicação, motivação, observação e outras áreas, constitui uma necessidade visto que sem esses conhecimentos o seu saber não é operacional. Isto significa que não produzirá transformação nem efeitos relacionados com os objetivos da preparação dos atletas (CRATTY, 1998).

Sabemos que é próprio da natureza humana procurar a explicação das coisas que rodeiam o homem, que nos acontecem seja como elemento da sociedade. Sabemos, ainda, que o homem sente necessidade de organizar os saberes e os conhecimentos acumulados e que tende a agrupá-los de uma maneira racional de modo a poder utilizá-los com eficiência nas suas tarefas profissionais e sociais (SEGRE, 2008). Se, e somente se isto for verdade, como a Educação Física Escolar consegue ultrapassar tanto conhecimento acumulado e assumir uma vertente tão vulnerável como a competição esportiva escolar, da maneira como se nos apresenta?

Em nível de sugestão, estamos cientes de que a competição esportiva escolar deva ser uma outra, de outra forma e com outras conotações. Talvez buscando uma integração social e não a exclusão do derrotado. Quem sabe, numa forma onde o confronto com as demais pessoas não tenha um gosto de humilhação para os que chegarem nos segundos, terceiros e últimos lugares, embora esteja, ainda, revestida pelas referências sociais concretas que motivam as atividades esportivas.

Apoiamos, sobremaneira, as atividades físicas e as competições esportivas, mesmo na escola, desde que seus fins contribuam para a estruturação da personalidade de nossos alunos, estimulando-os para seu pleno desenvolvimento (LICKONA, 2008). Então, é necessário que professores, monitores e demais profissionais da área atentem para o significado educativo adequado aos objetivos sociais e educacionais que permeiam pelas atividades trabalhadas.

Refletir sobre as dificuldades a serem encontradas em competições, tomar consciência das características destes acontecimentos e assumir decisões que levem a uma superação lógica, limpa e adequada podem ser caminhos preparados por aqueles que convivem, concordam e trabalham com a competição, no nível esportivo escolar (MEYNAUD, 2008). Será um processo equilibrado, desafiador e motivante, que permitirá a participação crítica dos envolvidos com a prática esportiva competitiva.

Tais sugestões não buscam solucionar em definitivo o problema da competição esportiva, dentro do ambiente escolar. Apenas procura evidenciar que, por se tratar de um lugar que deva enfocar os princípios educacionais de maneira incisiva, a estratégia que vem sendo adotada não nos pareceu ser a mais adequada e conveniente. Precisamos partir para um projeto de Competição Esportiva Escolar Educativa.

Pelo significado a abrangência que tal fato pode envolver, não podemos deixar de condenar as atitudes conservadoras interessadas na competição esportiva, dentro das escolas, como estão ocorrendo (WENNER, 2008). Entender o esporte, o jogo, o lazer e a competição esportiva como fatores psico- pedagógicos e culturais é o mínimo que se pode pretender daqueles que se dizem preocupados com a evolução dos homens, em busca de suas próprias felicidades.

E bem sabemos que esta felicidade não está nas lutas corporais, nos confrontos desleais, nas trapaças atléticas ou nos gritos exaltados de torcidas, pais e professores. Está, entretanto, no crescimento interior que se adquire ao entender o significado de uma superação física, social ou

psicológica. Ou está na vitória conquistada com lealdade e compreensão das diferenças existentes entre as equipes adversárias.

O processo será mais lento. Mas o objetivo será atingido.

A diferença entre o que acontece com a Educação Física Escolar e a valorização excessiva de algumas de suas práticas em outros ambientes de nossa sociedade, talvez, ainda seja motivo para muita discussão, apesar de já haver saturado as abordagens que, segundo Gould (1997), em sua grande monta, não conseguiram total aplicabilidade: o problema não está na mudança de nomes de concepções, mas na formação do profissional que não decifra questões ligadas à teoria-prática.

Notamos que, em muitos casos, a falta de competência técnica e o mau uso do planejamento de ensino, bem como a pouca conscientização do profissional sejam a tônica para a distorcida visão da Educação Física no processo educacional e na sociedade (LICKONA, 2008).

Qual o real significado da Educação Física competitiva, na comunidade escolar? Qual o grau de interferência no desenvolvimento do aluno esta prática pode acarretar? Como agem e o que pensam os profissionais envolvidos com a questão? Partindo-se da hipótese de que, por ser um dos componentes curriculares das escolas brasileiras, deva primar pela potencialidade pedagógica-educacional, será essa a constatação atingida? Onde entram os componentes psicológicos e sociais largamente debatidos em nossas academias?

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa baseou-se em dados coletados no decorrer de uma pesquisa-ação, com profissionais da Educação Física, no decorrer de um treinamento oferecido pela UNESP-RC, aos profissionais da rede oficial de ensino fundamental. Utilizou-se da observação direta e caderno de campo, para a coleta dos dados e, desta forma, numa análise de conteúdo, podemos tratar com melhor propriedade dos elementos a seguir discutidos.

Foi sempre presente que o jogo- festa poderá ser uma nova característica do jogo, devendo estar presente em seu conteúdo alegria, encontro, prazer de jogar. Através destas características, a criança poderá se expressar melhor buscando o bem viver, e não simplesmente um rendimento no que diz respeito ao movimento técnico. Este sim é conteúdo do jogo- competição, que poderá estar presente na formação da criança, mas no momento adequado e com orientação de profissionais competente.

Outra constatação é que a partir do momento em que se dá a especialização em uma modalidade esportiva, ocorre em paralelo a competição. Esta fase, provável no esporte, e na própria sociedade contemporânea, deve ser precedida de dois momentos educativos, no entender de Rosadas, já em seu trabalho de 1985.

O primeiro momento do aprendizado deve ocorrer, tendo como objetivo o desenvolvimento motor da criança, preparando-a para a atividade seguinte, proporcionando-lhe nesta fase embasamento e maturidade motora, fundamentais para formação do educando. Neste primeiro momento, a atividade deverá ser oferecida de forma lúdica, dando ao educando a possibilidade de conhecer seu corpo, seus movimentos e ainda noções de espaço, assunto decorrente de algumas reflexões.

O segundo momento poderá ter como um dos objetivos conhecer as modalidades esportivas (LICKONA, 2008). Nesta fase, o educando deverá ter a iniciação com várias modalidades, individuais e coletivas, conhecendo através do jogo os diferentes elementos que compõem cada modalidade. Precisarão estar em contato com os vários contextos das várias práticas, de modo a conhecer as particularidades de cada modalidade: assim, de modo integral, poderá fazer a opção adequada, diante da realidade vivida.

O estágio final do aprendizado permitirá, então, a iniciação específica com uma modalidade. A partir desta fase, a competição poderá estar presente; mesmo assim, com adaptações compatíveis com as opções do ser humano em questão. Estas adaptações devem acontecer privilegiando diferentes níveis de atuação na criança durante o jogo. A organização deve ser voltada

para a necessidade do educando. Neste caso, as regras podem ser modificadas, respeitando as características da faixa etária. A aplicação dessas regras deve priorizar o momento educativo da criança.

Disputar um campeonato e tentar ser campeão, portanto mostra que prevalece a disputa e não a participação evidenciando assim um objetivo maior, que não é o educacional; isto era consenso. Entendemos, baseados em LIMA (1991) que esta proposta não tem valor educacional, pois estes eventos têm uma participação reduzida de crianças, em função da elitização pela competição, ainda num primeiro estágio de aprendizagem.

Concluindo, a competição escolar precoce não é educativa porque não permite espaço para o jogo e sim a prática da competição, limitando movimentos e espaços, inibindo a criatividade pela busca do resultado (CAILLOIS, 1993). Sendo assim, entendemos que a competição escolar não tem existência, tendo em vista os objetivos pelos quais ela se produz. Acreditamos que o ambiente escolar não é o ambiente adequado para a reprodução do quadro social exposto fora da escola, embora a escola deva modificar o exterior.

Quando pensamos em competir, no ambiente escolar, aos mesmos moldes que vemos as competições de equipes profissionais, notamos que o modelo copiado foi mais forte e eficiente do que a linguagem educacional, que não conseguiu sensibilizar docente e alunos e optou por um continuísmo viciado e deformador, observado comumente nos esportes profissionalizados e televisivos.

Talvez o problema nem esteja nesta dimensão, mas no fato de não se trazer o novo, o diferente e não buscar as transformações necessárias para uma nova perspectiva sociocultural diferenciada: a escola deixou de sinalizar e proporcionar espaços para mudanças que tanto busca. Alguns momentos são modelados pela sociedade, outros pelos doentes (que endossam as imagens do sistema vigente) e outras pelos próprios aprendizes, que não encontram referências para alteração.

Outro problema, por nós apresentados, é a motivação, que está diretamente ligado ao anterior. Com o passar dos anos, poderá causar uma desmotivação para a prática (GUAY, 2007). Além disso, o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática.

Por último, apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce, bastante debatido pelos docentes. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Este procedimento, segundo Fiorese, 1989, poderá ter consequências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce.

Acreditamos que as atividades esportivas desenvolvidas nas escolas possam vir a se integrar no esforço educativo e social que visem preparar o aluno para a sua integração plena na sociedade em que está inserida. Desta forma teremos a prática esportiva, com suas competições escolares, como uma estratégia formativa, adequada aos objetivos sociais e culturais voltados à valorização humana.

REFLEXÕES FINAIS

Pelo fato de não encontrarmos, no Brasil, cursos específicos de Psicologia do Esporte, senão em programas de mestrados/ doutorados, ou nas várias feições dos cursos de especialização que são oferecidos, com cargas horárias de 380 a 420 horas/aulas, as várias metodologias e **(des)**caminhos das várias profissões estão interferindo na formação dos profissionais, de uma forma ou de outra. Isso, ao mesmo tempo que é entendido como vantagem, do ponto de vista interdisciplinar, oferece barreiras a partir do momento em que não se tem claro a estruturação desta área de concentração, conforme discutido anteriormente.

Pela sua pequena história, acredita-se que a Psicologia do Esporte está principiando um caminho promissor, no aguardo do reconhecimento que merece, tendo em vista a dialética trajetória

assumida, de questionamentos geradores de respostas que precipitam novas questões... Os esforços e a seriedade a que se prendem quem assume a área serão responsáveis pela sua divulgação e crescimento, independentemente da formação inicial do pesquisador e da área de atuação a que se atém, transitando livremente pelo esporte escolar, passando pelas atividades livres e esporádicas da recreação e do lazer, até atingir o esporte competitivo, de resultados olímpicos.

Inquietar-nos com a intervenção ou com a formação é uma etapa que precisamos superar; nossa inquietação deve se projetar para algo maior: por um código de ética, onde os profissionais que buscarem abraçar a Psicologia do Esporte estejam aptos ao bom trabalho, amadurecidos e sábios o suficiente para garantir uma boa atuação, quer seja docente, ou científica, ou psicodiagnosticando, otimizando ou aconselhando, independente de sua formação de origem, visto que o saber não tem dono nem reversa de mercado. A área de atuação será tão forte quanto seus membros atuantes.

Como o gabinete de trabalho (ou clínica) do psicólogo do esporte deve vir a ser as quadras, os salões de danças, as piscinas, os campos de futebol, ou seja, o próprio contexto onde se desenvolve a atividade física, as intervenções serão tanto mais adequadas quanto se aproximarem de seus contextos...logo, distante das atitudes clínicas e convencionais da Psicologia, apregoo Garry Martin, psicólogo do esporte de equipes olímpicas canadenses, em seu mini- curso, em Campinas, no Encontro de Medicina do Comportamento Humano.

Intervir, muito mais do que uma ação profissional, é um ato de consciência, numa dupla configuração: a do que exerce a ação e a do que sofre esta interferência. Isso apenas garante a relação interpessoal, sem dar garantias de bons procedimentos, o que nos remete ao conhecimento ético e moral, assunto central de nosso trabalho. Intervir é atuar com critério ético, através de procedimentos profissionais, num determinado contexto (LICKONA, 2008 e WENNER, 2008). Tal identificação está a premiar todos os profissionais graduados em áreas afins à Psicologia e ao Esporte; a seletividade está na ética e na moral da conduta profissional.

Parece simplória tal citação, mas atende aos objetivos e propósitos da atuação do profissional. Segundo Singer (1997), como pode estar preparado para trabalhar na interface o profissional que na sua graduação não se motivou para conhecer a outra área? É possível entender aquilo a que não se conheceu? Como lidar com estas questões iniciais? Não basta ser sábio nas Ciências do Esporte ou na Psicologia, mas é preciso ter habilidades suficientes para entender a interface e a aplicação dos conhecimentos gerados em uma e em outra das áreas básicas, além de enxergar que outras áreas fazem interligações e forte aproximação com o mundo psíquico do esporte. A situação está em perceber que é necessário compreender para além do fenômeno esportivo e para além da psicologia...muito além, por sinal.

Outra questão que passa pela formação universitária nacional é o grau de aplicabilidade dos conhecimentos veiculados: o volume de teorias ensinadas e a pequena relação estabelecida entre teoria-prática resultam num descrédito daquilo que é ensinado. Para Guay (2007), não concretiza o saber, o que pode vir a ser a gênese da ignorância da área de interface. O afastamento do "saber" e do "saber para quê" faz diferença no desenvolvimento de comportamentos interdisciplinares, como o que aqui sugerimos.

Apenas que, para tal situação tomar corpo e estabelecer-se enquanto campo de atuação e possível ciência, é necessário que a Psicologia do Esporte entre nas escolas, como conteúdo, como procedimento, como indagação. E, quando falamos em escola, estamos nos referindo desde a escola de ensino fundamental até os programas de doutorado ou pós-doutorado, visto que a disseminação do saber de faz presente em qualquer espaço. Somente desta forma entendemos a possibilidade de gestarmos praticantes esportivos com uma qualidade de vida saudável, equilibrados e adequados aos seus tempos e modalidades. Isto reforça constatações anteriores, com relação a esta relação: é nas escolas que nascem os atletas do futuro.

REFERÊNCIAS

- BAYONA, B. **El deporte hacia el siglo XXI: movimiento y curriculum**. Madrid: Morata, 2007.
- CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Folio Essais, 1993.
- CRATTY, B.J. **Psychologie et Activité Physique**. Paris: Seuil Edit., 1998.
- FIORESE, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, In: **Revista da Fundação de Esportes e Turismo**, 1 (2): 23-31, 1989.
- GARCÍA FERRANDO, M. **Aspectos sociales del deporte**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- GOULD, D. Psychosocial Development and children's sport, in: **Rev. Quart.**, 43, 425-539, 1997.
- GUAY, H. **La Culture Sportive**. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.
- LICKONA, T. **The return of character education**. Chicago: Rand-McNally, 2008.
- LIMA, T. **O Desporto está em suas mãos**. Lisboa: Horizontes, 1988.
- _____. **Competição para jovens**. Lisboa: Horizontes, 1991.
- MACHADO, A.A. **A formação e atuação em psicologia do esporte no Brasil**. Rio Claro: UNESP (trienal) 2003
- MEYNAUD, J. **Sport et Politique**. Paris: Calmann-Lévy, 2008.
- NAHAS, M.V. A competição e a criança, in: **Comunidade Esportiva**, 19, 16-20, s.d.
- ROSADAS, R.B. Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce, In: **Sprint**, 3 (2) 56: 64, 1985.
- SEGRE, M. **Les enfants et les adolescents face au temps libre**. Paris: Les editions ESF, 2008.
- SEURIN, P.A. Manipulação da criança para o sucesso esportivo, In: **Boletim Fiep**, 53 (02/03): 15-17, 1983.
- SINGER, R. **Psicologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- WENNER, L.A. **Media, sport and society**. Isleworth: BASS, 2008.

¹ Universidade Estadual Paulista – Campus – Rio Claro/SP
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte - LEPESPE